

**CONSTRUINDO PONTES DE COMPREENSÃO:  
Relato de experiência sobre a prática com grupos terapêuticos e orientação parental na  
Associação de Pais e Amigos dos Excepcionais (APAE).**

**HELLEN MARA MOREIRA CARDOSO**  
Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB)

**ISADORA SANTANA PEREIRA**  
Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB)

**SARA LUZ FERNANDES**  
Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB)

**CARMEM VIRGÍNIA MORAES DA SILVA**  
Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB)

**Resumo**

Com a evolução da sociedade e os avanços na área de estudos voltados para o Desenvolvimento Humano, tem-se buscado cada vez mais compreender a criança como um ser biopsicossocial que possui particularidades em cada etapa do desenvolvimento. Dessa forma, o debate e a busca de intervenções na Área de Psicoterapia Infantil têm se tornado cada vez mais frequentes. O presente trabalho trata-se de um Relato de experiência produzido para a Disciplina Técnicas de Psicoterapia com Crianças do sétimo semestre de Psicologia da UESB. A experiência relatada constitui-se como resultado das intervenções grupais de oficinas terapêuticas executadas por três estudantes no período compreendido entre Outubro e Novembro de 2023 na APAE (Associação de Pais e Amigos dos Excepcionais) em Vitória da Conquista-BA. Os objetivos deste trabalho consistem em apresentar as experiências obtidas por meio da atividade prática relatada com os usuários da APAE por meio de oficinas terapêuticas para as crianças e adolescentes e oficinas de orientação parental para pais e/ou responsáveis. Durante as intervenções foi possível perceber a relevância de atividades de intervenção grupal como meio de propor maior interação social bem como a necessidade de ofertar um espaço de escuta para os pais e/ou responsáveis.

1332

**Palavras-chave: Crianças. Psicoterapia Infantil. Técnicas de Psicoterapia.**

**Abstract:** With the evolution of society and advances in the area of studies focused on Human Development, there has been an increasing attempt to understand the child as a biopsychosocial being who has particularities at each stage of development. Thus, the debate and search for disciplines in the area of Child Psychotherapy have become increasingly frequent. This work is an experience report produced for the Subject Psychotherapy Techniques with Children of the seventh semester of Psychology at UESB. The reported experience is the result of group interventions in therapeutic workshops carried out by three students in the period between October and November 2023 at APAE (Association of Parents and Friends of the Exceptional) in Vitória da Conquista-Ba. The objectives of this work are to present the experiences obtained through practical activity reported with APAE users through therapeutic workshops for children and adolescents and parental guidance workshops for parents and/or guardians. During the interventions it was possible to perceive the reality of group intervention activities as a means of proposing greater social interaction as well as the need to offer a listening space for parents and guardians.

**Keywords: Children. Child Psychotherapy. Psychotherapy Techniques**

## **Introdução**

Por meio da disciplina “Técnicas de Psicoterapia com Crianças”, como atividade prática foi proposto o desenvolvimento de atividades de intervenção em grupo, possibilitando experiências terapêuticas com crianças, além de encontros com os pais e/ou responsáveis, proporcionando escuta e orientação parental. Tais atividades ocorreram na instituição Associação de Amigos e Pais dos Excepcionais (APAE), a qual tem como objetivo promover atenção integral à pessoa com deficiência, sobretudo aquela com deficiência intelectual ou múltipla, oferecendo serviços na área da saúde, educação e assistência social (FENAPAES). A referida disciplina é alinhada ao campo da Psicologia Infantil, apresenta diversos enfoques teóricos e discute um conjunto de técnicas e recursos no campo da psicoterapia infantil.

Dessa forma, por meio da disciplina Técnicas de Psicoterapia com Crianças, foram abordadas diferentes discussões acerca da prática de psicoterapia com crianças. Inicialmente, a compreensão da origem e da evolução da psicoterapia infantil, a qual surge a partir do século XX com as contribuições da Psicanálise e outras abordagens do campo da Psicologia, destacando a importância da infância na estrutura da personalidade do sujeito, junto com a ideia de que as crianças poderiam ser afetadas por aquilo que os adultos faziam e falavam (Aguiar, 2014).

Além da origem, foi possível conhecer a estrutura da psicoterapia infantil, a qual constitui-se, basicamente, em início, meio e fim. O início, com a avaliação da criança, a qual permite conhecer as demandas da criança e/ou dos pais, bem como o processo de desenvolvimento da criança, identificando o foco principal de ação do processo psicoterapêutico. Em seguida, tem-se as propostas de intervenção para que o objetivo sobre o foco principal seja alcançado, e o fim com a alta do sujeito, após os objetivos serem alcançados (Silva, 2023).

Ademais, foi discutido sobre como a psicoterapia infantil é abordada em termos de teoria e prática (individual e em grupo) em diferentes abordagens da Psicologia, como a Gestalt-Terapia, a Logoterapia, Análise do Comportamento e a Terapia Cognitivo Comportamental.

Guimarães, Malaquias e Pedroza (2013) contribuem no contexto da prática psicoterapêutica em grupo, enfatizando a psicoterapia em grupo com crianças também como um espaço de promoção do desenvolvimento, desde que haja um ambiente adequado para a subjetivação da criança, a negatividade, o desejo, a dúvida, entre outras questões de sua realidade.

Ainda nesse contexto, Rossi, Kirch e Allgayer (2009), consideram que a ideia do coletivo não é a procura pelos problemas, e sim a possibilidade da troca, a potencialização da

criança, para que esta seja vista em suas questões, para além dos diagnósticos. A partir disso, destaca-se a importância de olhar para a criança e compreendê-la enquanto indivíduo que vivencia a infância, desmistificando o diagnóstico dado a ela e considerando o contexto de sua realidade, bem como, a forma como vê o mundo.

Dessa forma, a brincadeira é o principal recurso utilizado no processo terapêutico com a criança, facilitando a criação do vínculo, além de permitir compreender como a criança expressa suas necessidades e motivações, refletindo o contexto de sua realidade. Com isso, nas chamadas sessões livres, o profissional utiliza técnicas de mediação da palavra durante as brincadeiras nas quais as crianças se envolvem, facilitando a compreensão do sujeito sobre si, e sobre como ele compreende o mundo. Além da brincadeira, o desenho também é um recurso utilizado, a partir da teoria histórico-cultural, a brincadeira possibilita a expressão de emoções da criança, podendo emergir questões sobre o desenvolvimento, a subjetividade, a linguagem, entre outros aspectos (Silva, 2023).

Ao destacar o processo de desenvolvimento da criança, o ambiente em que ela está inserida contribui não só para o desenvolvimento de determinados comportamentos, como também a manutenção destes, tendo em vista que as atitudes parentais, além de influenciar na personalidade da criança, servem de modelo para eles (Aguiar, 2014). Dessa forma, dúvidas acerca da melhor forma de educar os filhos é constante no meio parental, com isso, destaca-se a importância da orientação de pais, não só para descobrir estratégias de lidar com a subjetividade do filho, como também de expressar seus sentimentos a respeito de suas dificuldades (Benedetti; Rebessi; Neufeld, 2020).

As atividades de intervenção ocorreram na instituição APAE, caracterizada como uma organização social que promove a atenção integral à pessoa com deficiência, oferecendo atendimentos na área da saúde, educação e assistência social (FENAPAES).

O objetivo da atividade prática consistiu em promover o desenvolvimento de experiências terapêuticas com crianças usuárias da APAE, ao mesmo tempo em que proporciona encontros com os cuidadores para orientação parental. Para isso, foram estabelecidos objetivos específicos. A partir dos encontros em grupo com as crianças, buscava-se facilitar a interação social entre elas, por meio de vivências grupais. Além disso, o objetivo era estimular a expressão e compreensão da linguagem, utilizando técnicas de mediação da palavra, e contribuir para a imaginação e criatividade das crianças, encorajando suas habilidades individuais. No que diz respeito aos encontros com os cuidadores, o foco era possibilitar a compreensão dos pais sobre as subjetividades de seus filhos, assim como os desafios do dia a dia que enfrentam. Também visava oferecer um ambiente de apoio onde os cuidadores pudessem compartilhar suas experiências e dificuldades, além de motivá-los a

compreender suas próprias emoções e valores, enfatizando sua capacidade de enfrentar desafios.

## **Metodologia**

A prática relatada consistiu na realização de grupos terapêuticos e orientação parental na APAE, localizada na Avenida Rosa Cruz nº 135, em Vitória da Conquista - Ba. A proposta surgiu como atividade prática obrigatória do componente curricular Técnicas de Psicoterapia com Crianças sob supervisão da docente Carmem Virgínia Moraes da Silva em colaboração com a monitora Gabriela Cangussu, sendo realizada por um grupo de três estudantes do sétimo semestre do curso de Psicologia da UESB, no período de Outubro a Novembro de 2023.

Para Motta, Moré e Nunes (2017), o atendimento grupal é prioridade entre os recursos terapêuticos nas ações em saúde mental, uma vez que há um grande potencial de fortalecimento e construção de vínculos sociais e integração entre os fatores que promovem a saúde mental. Outrossim, a habilidade dos pais em conhecer e auxiliar no entendimento das necessidades de suas crianças, apoiando e orientando tanto em ganhos e quanto em perdas, pode proporcionar o surgimento de emoções positivas, sendo crucial para o desenvolvimento da criança (Bittencourt, 2021).

Isto posto, a prática relatada estruturou-se com a realização de ambas modalidades, entendendo a necessidade, bem como maiores benefícios do acompanhamento não só das crianças, mas também de seus familiares e/ou responsáveis. A seleção dos participantes foi feita por meio da psicóloga da APAE que levou em consideração critérios de idade, disponibilidade e níveis de suporte e/ou cuidados especiais apresentados pelas crianças. O tempo de duração dos encontros foi idealizado de modo a adequar-se à organização das atividades diárias da instituição, para não comprometer o andamento de outras atividades; já o tempo de permanência das mediadoras no local foi adequado de acordo com o calendário de atividades acadêmicas da UESB.

Com isso, diante da instituição apresentar uma dinâmica de funcionamento um pouco variável, optou-se pela realização de grupos abertos e heterogêneos. A diversidade proporcionada por grupos abertos e heterogêneos oportunizam, por meio de experiências relacionais, o surgimento de ideias novas, ações e concepções, tornando o grupo mais dinâmico (Osete, et.al, 2019).

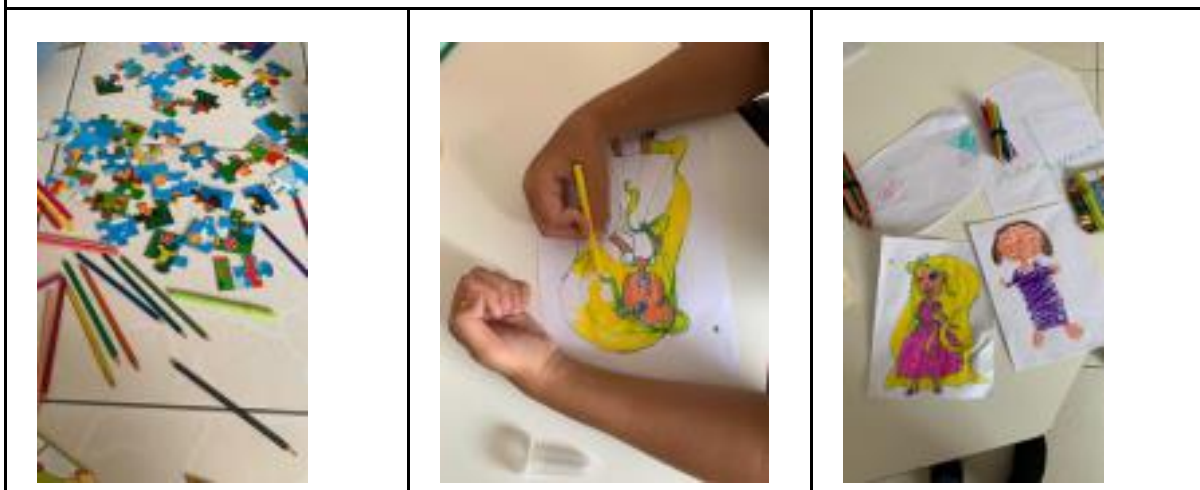
No dia 18 de outubro de 2023 ocorreu uma ação em comemoração ao dia das crianças organizada pela instituição. A ação contou com a participação da equipe multidisciplinar da APAE e dos usuários dos serviços oferecidos pela instituição e seus familiares. Durante a ação, foram realizadas oficinas de brincadeira, música e dança, além de apresentações de peças teatrais, e distribuição de comidas. Foi possível observar a dinâmica de funcionamento do

espaço, a interação dos funcionários e o comportamento das crianças. A observação permitiu um planejamento mais conciso das ações realizadas posteriormente.

Ocorreu no dia 25 de outubro de 2023 a primeira vivência de grupo terapêutico com as crianças atendidas pela instituição. A atividade deste dia contou com a participação de aproximadamente 06 crianças na faixa etária de 07 a 14 anos na brinquedoteca da instituição. O encontro foi dividido em três momentos, o primeiro consistiu em uma dinâmica inicial de aquecimento e apresentação, o segundo contou com a aplicação da técnica de desenho coletivo que necessitou de algumas adaptações (Figuras 1, 2 e 3), de acordo com a necessidade das crianças envolvidas, e por fim, foi aplicada uma dinâmica de encerramento.

Para este encontro utilizou -se: folha de papel A4, fita crepe, giz de cera, lápis de cor e canetas coloridas.

Figuras 1, 2 e 3 – Brincadeiras e desenho livre



Fonte: Acervo das autoras

No dia 01 de novembro de 2023, a vivência contou com a participação de aproximadamente 10 pais e/ou responsáveis. Inicialmente, por se tratar do primeiro encontro do trio com o grupo de orientação parental, foi realizada uma dinâmica de apresentação dos membros do grupo e das estudantes responsáveis. Posteriormente, foi aplicada uma atividade que se constituía em escrever síndromes, transtornos e condições genéticas variadas em cartões, preparados previamente pelas mediadoras, seguindo um critério de conhecidas e desconhecidas. Em seguida, sorteamos e pedimos que eles não olhassem, apenas os outros participantes poderiam ver, assim eles poderiam dar dicas ao que não viu acerca do que estava no cartão até que ela acertasse ou desistisse. Essa dinâmica teve como finalidade tentar entender melhor as questões que foram apontadas em outro momento, com a finalidade principal de proporcionar um momento de reflexão sobre a reação dos sujeitos frente ao desconhecido. Ao final,

encerramos o encontro com uma atividade em que os responsáveis presentes escrevessem algo que lembrasse suas famílias. Para este encontro, utilizou-se: folhas de papel A4, canetas e pincéis coloridos, cartões personalizados, fita crepe e post-it colorido.

Houve a participação de aproximadamente 07 crianças com idade entre 09 e 14 anos no dia 08 de novembro de 2023. A realização do grupo terapêutico neste dia se deu em na sala de estimulação multissensorial (Figura 4 e 5), com o objetivo de observar a interação das crianças com os objetos e brinquedos disponíveis.

Figura 4 e 5 – Sala de estimulação multissensorial

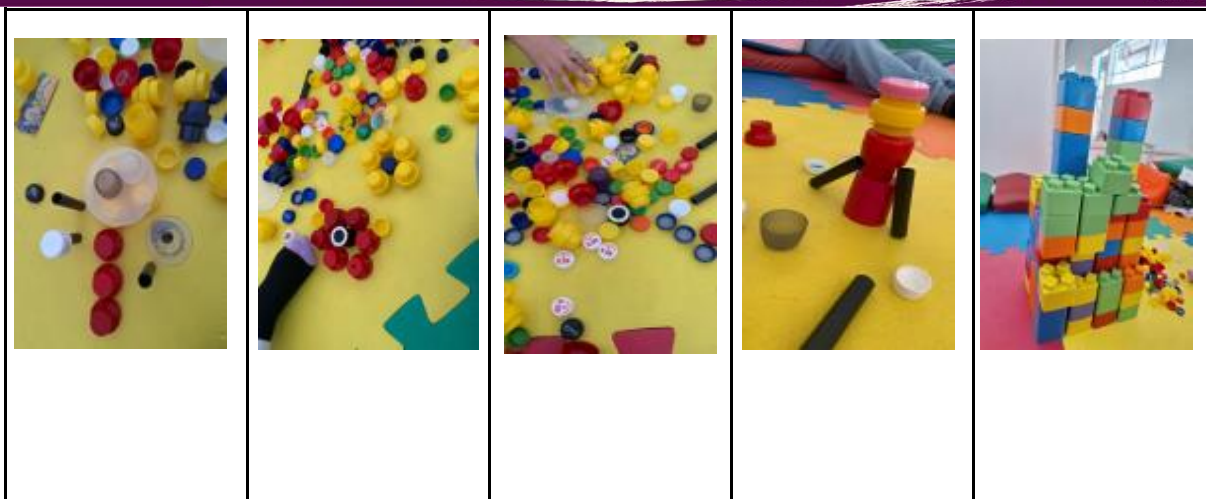


Fonte: Acervo das autoras

1337

Inicialmente, realizou-se uma dinâmica de aquecimento, e logo depois, as mediadoras buscaram mediar por meio de técnicas de mediação da palavra, escuta atenta e empática, e perguntas problematizadoras sobre as brincadeiras desenvolvidas. Ademais, para encerrar, fez-se o uso das sucatas, com o objetivo de proporcionar vivências subjetivas e explorar a criatividade das crianças (Figuras de 6 a 10). Além disso, o uso de jogos e brinquedos diversos presentes no espaço foram instrumentos de intervenção também, tais como quebra cabeça, jogos de montar, e coleção de sucatas organizada pelos mediadores durante a disciplina.

Figuras 6, 7, 8, 9 e 10 – Brincadeiras com sucata



Fonte: Acervo das autoras.

O último encontro de orientação parental contou com a participação de 08 pessoas: 07 mulheres e 01 homem e foi realizado em 22 de novembro de 2023. Inicialmente, foi realizada a dinâmica “Desenhando conforme a orientação”, todos os participantes receberam a mesma instrução, foi solicitado que desenhassem objetos aleatórios como: dado, árvore, casa ou algo que sentissem vontade. Curiosamente, surgiram elementos em comum nos desenhos de todos os participantes e após a realização do desenho houve a socialização com o grupo, momento esse de socialização em que muitos temas surgiram. Por fim, foi entregue uma folha de papel para cada indivíduo para que, sem se identificar, escrevessem uma mensagem ou algo que gostariam de ouvir naquele momento de suas vidas; após esse momento, os papéis foram recolhidos e redistribuídos de forma aleatória e cada participante compartilhou a mensagem escrita no papel. Para este encontro utilizou-se de materiais como: folhas de papel A4, canetas coloridas e lápis de cor.

1338

## Resultados

O primeiro encontro de grupo de orientação parental se deu a partir da prática com uma dinâmica de apresentação que consistia em dizer o nome e um gesto acompanhando. Tal atividade de quebra-gelo é um exercício de memorização que ajuda as pessoas a se familiarizarem umas com as outras e a aprenderem os nomes dos participantes, além de ajudar os participantes a conhecerem os nomes uns dos outros e a criar uma atmosfera mais amigável no grupo.

A atividade principal constituía-se em escrever síndromes, transtornos e condições genéticas variadas em cartões, seguindo um critério: nomes conhecidos e desconhecidos, como descrito no texto acima. Essa dinâmica tinha como finalidade tentar entender melhor as questões que foram apontadas acerca das dificuldades em lidar com o olhar do outro no cotidiano, bem como o sentimento de incômodo com os comentários desagradáveis, a falta de

compreensão, entre outras questões que atravessam a vivência de cuidadores e de crianças com necessidades específicas. Isto é, foi perceptível um desejo, por parte destes, de uma certa obrigatoriedade que todos deveriam entender a especificidade apresentada.

Diante disso, a dinâmica visava estimulá-los a pensar na possibilidade de que o desejo de compreensão mencionado anteriormente, talvez fugisse do controle deles. A atividade pedia que os cuidadores fossem levados a refletir que essas dificuldades enfrentadas partia do princípio de que a população, no geral, não tem conhecimento, familiaridade/aproximação com certos assuntos e como consequência da desinformação, dificuldades como as citadas se mostravam.

Como resultado, observamos que naturalmente foram surgindo comentários que se tratavam das temáticas que foram pensadas pelas mediadoras ao propor a dinâmica. Os comentários apareceram muito na forma de exemplos que os cuidadores apresentaram de situações que aconteceram com eles mesmos ou conhecidos e que havia um reconhecimento que tal cenário ocorreu devido a essa falta de conhecimento e compreensão das partes envolvidas.

No encontro seguinte, iniciou-se o momento com a dinâmica “desenhando conforme a orientação”. Nesta atividade, a ideia era ajudar a compreender que o desenvolvimento de cada indivíduo é único e pessoal. Após a socialização dos desenhos e a apresentação do que representavam, bem como a comparação dos contextos ali presentes observou-se que mesmo que orientados da mesma forma, o resultado nunca era idêntico.

A partir disso, para a atividade principal construiu-se uma roda de conversa de acordo com as questões que foram ilustradas na dinâmica anterior do desenho, tais como: as similaridades e diferenças seguindo o contexto de cada um presente. Nesse sentido, temáticas envolvendo a solidão de muitas mães cuidadoras que não podem trabalhar e precisam sustentar a casa de alguma forma, a falta de atividades na própria instituição para eles, as trocas de experiências entre os cuidadores e como são fundamentais na construção de uma rede de suporte foram significativas nas falas desses indivíduos. Ademais, a casa foi o desenho mais comum entre todas as mulheres, sendo representada como um lugar de conforto e segurança, unido à presença dos filhos; todavia, para o único homem do grupo foi o trabalho como prática que o representa, demonstrando, talvez, uma perspectiva do papel de gênero na realidade do cuidado e sustento familiar.

Na atividade final e de encerramento da escrita da mensagem, observou-se no discursos desse público um sentimento muito forte de esperança, pedidos e desejos que se tratavam de uma melhora pessoal, quanto a uma maior tolerância, paciência, força, para enfrentar as dificuldades da vida, não só relacionado às suas crianças, mas também ligadas aos outros

atravessamentos em seus contextos de vida.

Nos grupos terapêuticos com as crianças, a primeira intervenção aconteceu de forma a propor dinâmicas que possibilitassem conhecê-los e tentar criar uma interação coletiva entre elas e as mediadoras da atividade. A princípio, a atividade planejada consistia em que as crianças criassem crachás para si mesmos, escrevendo seus nomes e desenhando juntos algo que fosse livre, para que fosse explorado sua criatividade, identidade e senso de pertencimento. Assim, apareceram elementos como: flores, carros, futebol e floresta. Vale destacar que após essa dinâmica tivemos uma dificuldade sobre o lugar em que realizamos a prática, tendo em vista que haviam diversos brinquedos no espaço, sendo difícil competir com o foco de interesse das crianças.

Nesse sentido, como forma de estabelecer uma relação com as crianças, a partir dessa ótica, optou-se por intervir usando esses objetos, ou seja, por meio da mediação da palavra, repetição, marcação, pôr verbo, re-expressão, compreensão empática, e nomeação dentro dos instrumentos presentes na sala e que chamavam a atenção das crianças.

As técnicas de mediação das palavras podem ser empregadas na prática com crianças, tanto para contribuir com seu desenvolvimento, como também para criação de vínculo e interação. Com a marcação vê-se o uso a fim de marcar o diálogo com a criança, no intuito de não deixá-la sem resposta. Aliado a essa técnica, a repetição aparece como auxílio no discurso para que as crianças percebam sua fala através do outro. Ademais, para que a criança se perceba no mundo externo, utiliza-se a técnica pôr verbo como forma de possibilitar o psicoterapeuta em descrever a ação da criança no momento em que não há linguagem verbal. Já no eco emocional, o profissional descreve a emoção que está presente naquele momento da intervenção ou situação relatada pelo sujeito. Por meio da re-expressão, o psicoterapeuta reconstrói e organiza a fala e a ação da criança. Por fim, com a nomeação, o psicoterapeuta descreve e nomeia o acontecimento referido pela criança, e a compreensão empática consiste em reconhecer e assumir a forma como a criança vê a realidade (Silva, 2023).

Desse modo, observou-se também, em algumas crianças, uma comunicação interessante, tal como: quando um deles começou a brincar de leilão e vendia objetos em troca de outros brinquedos que estavam com outras crianças. Portanto, viu-se ali uma capacidade de partilha e negociação entre eles. Além disso, utilizando os materiais de desenho foi possível explorar a criatividade e organização das ideias deles, por meio da contação de histórias a partir do desenho que criaram livremente quando sozinhos.

De acordo com Suárez e Reyes (2000), a arteterapia se constitui como algo mais flexível e que permite a captação da riqueza do mundo emocional e relacional do indivíduo. Pode ser utilizada com fins diversos, como possibilidade de catarse, de insight ou como elemento

projetivo que propicia a intervenção terapêutica.

Nesse contexto, o ato de desenhar se revela como um recurso valioso na intervenção com crianças. Sob a lente da teoria histórico-cultural, a análise do desenho destaca a importância da linguagem verbal durante o processo de expressão pelo desenho, evidenciando o desenho como uma atividade que concretiza a subjetividade da criança. Além disso, ressalta-se a interação entre psicólogo e criança como um elemento essencial para que o profissional compreenda o caminho da criança em direção à internalização de sua realidade social (Silva, 2023).

A atividade principal estruturou-se de forma a criar desenhos contínuos em grupo a partir do que cada um iria confeccionar primeiro. Essa intervenção não prendeu a atenção deles, mas aconteceu uma situação em que uma criança desenhou um pássaro e a outra transformou-o em um papagaio de pirata. Com isso, observou-se uma pequena intriga entre eles, já que não era essa a ideia primária do objeto desenhado, segundo o autor do pássaro. Contudo, por meio da intervenção das mediadoras eles chegaram a um comum acordo de que o desenho era livre e que precisavam dar a oportunidade para que cada um se expressasse como quisesse.

No segundo dia de prática com as crianças, houve uma mudança de sala com menos estímulos, a fim de observarmos como elas iriam se organizar naquele espaço. Dessa forma, deixou-se então a prática livre para que fosse possível observar o que surgiria no ambiente com os objetos que existiam ali. Diante disso, foi nítido a mudança na interação entre eles e o esforço em brincarem juntos com os poucos brinquedos que tinham, por exemplo: brincaram de mercado, de montar lego e construir figuras com essas peças, além de utilizarem os bonecos para criar histórias com eles, bem como usaram as sucatas, no intuito de estimular essa mesma ação de criar contextos, figuras, pessoas e objetos com as tampinhas colecionáveis.

Nesse sentido, é válido apontar como todos os instrumentos, atividades e técnicas são ferramentas que possibilitam, nos grupos de crianças principalmente, o exercício de uma capacidade intrínseca do ser humano que deve ser estimulada. Pereira e Bonafé Sei (2005) levantam a discussão acerca do brincar, não só enquanto ação inerente no ser humano, mas também como validação de uma existência saudável. As autoras enfatizam a perspectiva de Winnicott sobre a importância do estímulo dessa habilidade no contexto terapêutico. Segundo o psicanalista,

A saúde está fortemente ligada à capacidade de brincar das pessoas e de serem criativos. Assim, a psicoterapia, que se constitui em um brincar conjunto entre paciente e terapeuta, objetiva ‘trazer o paciente de um estado em que não é capaz de brincar para um estado em que o é’ (Winnicott, 1975, p. 59).

Vale ressaltar um momento interessante, em que uma criança encontrou uma pelúcia e começou a dizer que aquilo era um alienígena, porque a pelúcia era uma mistura de animais, explicou ela. A criança afirmava que as asas pertenciam a um morcego, as orelhas de um coelho,

até que ele perguntou o que era uma parte específica da pelúcia (era o rabo), ele foi questionado de volta o que ele achava que era e se ele se lembrava de algum outro animal que tinha aquela mesma parte do corpo, rapidamente ele respondeu que poderia ser de um cachorro.

No fim, pediu-se que ele contasse uma história com aquele brinquedo, a fim de que ele se organizasse e fosse estimulado em sua capacidade de abstração. Neste momento, foram utilizadas técnicas, como a marcação, não deixando o vazio na conversa, bem como a repetição e a re-expressão, a fim de organizar a fala da criança e fazê-la ouvir sua ideia por meio da fala do outro.

### Considerações Finais

Foi possível perceber, durante a realização das atividades, a importância da realização de intervenções em grupo, uma vez que este tipo de atividade proporciona interação social, desenvolvimento de habilidades pessoais e de convivência. Entretanto, especialmente na realização dos grupos terapêuticos com crianças, observou-se uma dificuldade em manejar as necessidades e interesses de cada criança presente no grupo, uma vez que algumas crianças apresentavam uma maior necessidade de cuidados específicos, o que nem sempre era possível, devido à quantidade de mediadores.

Ademais, observou-se o surgimento de uma demanda nos grupos de orientação parental, pois os pais e ou responsáveis presentes apresentavam, ao final de cada encontro, feedbacks positivos em relação a essas atividades, indicando que para eles foi importante a oportunidade de socialização com outras pessoas que enfrentavam as mesmas dificuldades. Nesse sentido, o grupo de orientação parental foi percebido como uma possibilidade de fortalecimento da rede de apoio das crianças e adolescentes da APAE.

Outrossim, a experiência descrita constituiu-se como um elemento diferencial na formação das estudantes responsáveis pela realização das atividades. Foi proporcionado o contato direto com o campo de atuação do psicólogo com crianças neurodivergentes, sendo este uma grande oportunidade para a formação acadêmica e também pessoal.

### Referências

AGUIAR, L. Origens e desenvolvimento da psicoterapia infantil. In: **Gestalt-terapia com crianças** [recurso eletrônico]: teoria e prática. [2. ed rev.atual] – São Paulo: Summus, 2014, p. 14-26.

BENEDETTI, T. B.; REBESSI, I. P.; NEUFELD, C.B. Programas de orientação de pais em grupo: uma revisão sistemática. **Psicologia: teoria e prática**. São Paulo, p. 368-398, jan-abr, 2020.

BITTENCOURT, M. F. et al. Evidências de validade de intervenções em grupo para orientação parental: Uma revisão integrativa. **Research, Society and Development**, v. 10, n. 5, p. e31010514942-e31010514942, 2021. DOI:10.33448/rsd-v10i5.14942. Disponível em: <https://rsdjournal.org/index.php/rsd/article/view/14942>. Acesso em: 6 dec. 2023.

FEDERAÇÃO NACIONAL DAS APAES (FENAPAES). **Quem somos**. Disponível em: <https://apaebrazil.org.br/conteudo/quem-somos>. Acesso em: 07 de dezembro de 2023.

GUIMARÃES, M. C.; MALAQUIAS, J.H.V.; PEDROZA, R. L. S. Psicoterapia Infantil em grupo: possibilidades de escuta de subjetividades. **Rev. Mal-Estar Subj.**, Fortaleza, v. 13, n. 3-4, o. 687-710, dez, 2013.

MOTTA, C. C. L. D. MORÉ, C. L. O. O.; NUNES; C. H. S. D. S. O atendimento psicológico ao paciente com diagnóstico de depressão na Atenção Básica. **Ciência e Saúde Coletiva**, v. 22, n. 3, p. 911-920, 2017.

OSETE, L. S.; PAIVA, G.; BONAFÉ SEI, M. Grupo aberto de crianças: quais as possibilidades de convivência e intervenção?. **Revista Brasileira de Extensão Universitária**, v. 10, n. 3, p. 175-182, 10 dez. 2019.

ROSSI, E.; KIRCH, J. A.; ALLGAYER, M. **Grupo Terapêutico de Crianças: Ampliando o Contexto da Intervenção**. Encontro Nacional da ABRAPSO, 15, 2009.

SEI, M. B.; PEREIRA, L. A. V. Grupo arteterapêutico com crianças: reflexões. **Revista da SPAGESP**, São Paulo, vol. 6, n. 1, p. 39-47, 2005.

SILVA, C. V. M. da. **Significações da Psicologia Clínica Infantil – Enfoque Histórico-Cultural**. In: SILVA, C. V. M. da. **Psicologia Clínica Infantil – Enfoque Histórico-Cultural**. Vitória da Conquista: Edições UESB, 2023.

SUÁREZ, E. L.; REYES, W. G. Las terapias con recursos artísticos: su utilidad en la atención primaria de salud. **Revista Cubana de Medicina General Integral**, v. 16, n. 3, p.295-304, 2000.

WINNICOTT, D. W. O brincar e a realidade. Rio de Janeiro: Imago, 1975.

Autora 01:



Hellen Mara Moreira Cardoso  
Graduanda em Psicologia na modalidade do Bacharelado e  
Licenciatura pela UESB, atualmente no 8º semestre. Bolsista de  
Iniciação Científica (FAPESB): Psicologia na formação docente.

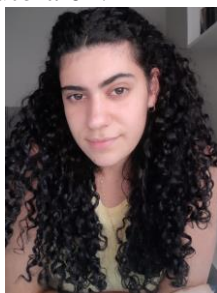
Pequeno resumo, de até 4 linhas

Email: [201920504@uesb.edu.br](mailto:201920504@uesb.edu.br)

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/5661349146029354>

Orcid: <https://orcid.org/0009-0002-2316-2216>

Autora 02:



Isadora Santana Pereira  
Graduanda em Bacharelado e Licenciatura em Psicologia pela  
Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia - UESB. Extensionista  
voluntário: Tratamento de Saúde Mental de Jovens e Adultos com  
Desregulação Emocional Grave.

Email: [isasantanp@gmail.com](mailto:isasantanp@gmail.com)

Lattes: <https://lattes.cnpq.br/5642710434491569>

Orcid: <https://orcid.org/0009-0004-8768-6494>.

1344

Autora 03 :



Sara Luz Fernandes  
Graduanda em Bacharelado e Licenciatura em Psicologia pela  
Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia - UESB. Extensionista  
Voluntário: Tratamento de Saúde Mental de Jovens e Adultos com  
Desregulação Emocional Grave.

Email: [fsara4066@gmail.com](mailto:fsara4066@gmail.com)

Lattes: <https://lattes.cnpq.br/5583057709643659>

Orcid: <https://orcid.org/0009-0007-5215-1029>

Autora 04:



Carmem Virgínia Moraes da Silva  
PhD em Psicologia, Professora Titular da Universidade Estadual da  
Bahia – UESB e professora permanente externa do Programa de  
Psicologia da Saúde da Universidade Federal da Bahia – UFBA.

E-mail: [carmem.virginia@uesb.edu.br](mailto:carmem.virginia@uesb.edu.br)

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/0139351935811805>

Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-4792-9939>